

MINISTÉRIO KALEO – EBD

A sabedoria instrui sobre as virtudes morais e seus opostos

(Pv 18.1-24)

“¹⁰ Torre forte é o nome do Senhor, à qual o justo se acolhe e está seguro.” (Pv 18.10)

Estudo de versículo por versículo:

Cuidado com a solidão — *O solitário busca o seu próprio interesse e insurge-se contra a verdadeira sabedoria (Pv 18.1).* O isolamento pode ser fatal para sua alma. Quem se esconde e se isola para manter uma identidade secreta, praticar coisas inconvenientes e ainda conservar sua reputação diante das pessoas, dá sinais de grande insensatez. Não somos aquilo que aparentamos em público. Nossa verdadeira identidade é aquela que se expressa diante do espelho. De nada adianta colocar uma máscara bonita em público se, no recesso, quando fechamos as cortinas, mostramos uma feia carranca. De nada vale receber os aplausos humanos por nossas virtudes se, no íntimo, estamos povoados pela impureza. É absolutamente inútil sermos aprovados pelas pessoas e reprovados por Deus. O solitário que se esconde para encobrir seus pecados insurge-se contra a verdadeira sabedoria. Aqueles que trancam a porta do quarto para ver coisas vergonhosas esquecem-se de que, para Deus, luz e trevas são a mesma coisa. Aqueles que se afastam da família e procuram os guetos mais escondidos para se refestelarem no pecado, com a intenção de permanecerem incógnitos, cobrem a si mesmos de opróbrio e a família de vergonha. Devemos viver na luz. Somos a carta de Cristo, Devemos refletir o caráter de Cristo.

Aprender é melhor do que falar bobagem — *O insensato não tem prazer no entendimento, senão em externar o seu interior (Pv 18.2).* Aqueles que são lerdos em aprender são apressados em falar. Quem cessa de aprender são os mais afoitos em abrir a boca. O tolo não se interessa em aprender, mas só em dar suas opiniões. Em vez de abrir sua mente para receber instrução, o insensato abre seus lábios para expor seus pensamentos. O sábio admite que tem muito a aprender. Tem seus ouvidos atentos à instrução. Tem pressa para buscar conhecimento. Porém, o tolo fala muito do vazio de sua cabeça. Despeja torrentes dos seus lábios, porém essas torrentes não são as águas límpidas do conhecimento, mas as enxurradas da ignorância. Não é sensato falar muito, mas é prudente ouvir com atenção. A Bíblia nos ensina a sermos prontos para ouvir, mas tardios para falar. Deus nos fez com duas conchas acústicas externas e apenas uma língua amuralhada de dentes. Devemos escutar mais e falar menos. Devemos aprender mais para não falar tolices. O insensato não tem prazer no entendimento, mas folga em externar o seu interior, em contar suas vantagens e em fazer propaganda de si mesmo. O tolo faz propaganda do que não tem. É um fanfarrão que vê a si mesmo diante do espelho como um gigante, quando não passa de um nanico. Conta suas façanhas com gestos de heroísmo, quando esses pretensos gestos de galhardia não passam de consumada covardia.

A perversidade dá à luz a vergonha — *Vindo a perversidade, vem também o desprezo; e com a ignomínia, a vergonha (Pv 18.3).* A perversidade é filha da impiedade. A impiedade tem que ver com nossa relação com Deus, enquanto a perversidade está ligada à nossa relação com o próximo. Aqueles que se afastam de Deus e contra ele se rebelam degradam-se moralmente e transtornam a vida do próximo. A teologia desemboca na ética. Aquilo que cremos reflete-se naquilo que praticamos. Como alguém pensa no seu coração, assim ele é. Uma pessoa perversa,

rendida ao pecado e escrava de suas paixões acaba colhendo o desprezo. Por ser egoísta, avarenta e violenta em suas palavras e ações, termina no ostracismo social, desprezada por todos. Quem mancha seu nome e perde sua reputação pessoal cobre-se de vergonha. O pecado não compensa. Arruína o caráter e destrói o nome. Produz desprezo e traz vergonha. Os maus são desprezados e acabam cobertos pelos trapos da vergonha. Colhem o que plantam. O mal que intentam contra os outros cai sobre sua própria cabeça. Eles sofrem as consequências de suas próprias ações perversas. É impossível semear o mal e colher o bem. É impossível agir com perversidade sem ceifar o desprezo. É impossível deixar o nome se arrastar na lama sem se cobrir de opróbrio.

O poder das palavras — *Águas profundas são as palavras da boca do homem, e a fonte da sabedoria, ribeiros transbordantes (Pv 18.4).* A linguagem humana é profunda como o mar, e as palavras dos sábios são como os rios que nunca secam. Nossas palavras são profundas porque brotam do coração, e esse é um território desconhecido. Por mais que pesquisemos essa terra distante, jamais chegaremos a conhecê-la plenamente. Nosso coração é um universo ainda insondável. O que sabemos é que ele é como um mar profundo. O que lemos nas Escrituras é que o nosso coração é desesperadamente corrupto e enganoso. Só Deus pode conhecê-lo perfeitamente. Por isso, as palavras que sobem do nosso coração e saltam dos nossos lábios são como águas cuja profundidade não conseguimos medir. As palavras do sábio, porém, são como ribeiros transbordantes, como rios que jamais secam, cujas águas correm dentro do leito, levando vida por onde passam. As palavras do sábio são conhecidas. Os rios de água que fluem de sua boca abastecem os sedentos, irrigam a alma aflita daqueles que vivem na sequeidão e produzem prosperidade para aqueles que os ouvem. Nossas palavras nunca são neutras. Abençoam ou maldizem. Curam ou ferem. São veneno ou medicina. Carregam a morte ou transportam a vida.

Não seja injusto em seu julgamento — *Não é bom ser parcial com o perverso, para torcer o direito contra os injustos (Pv 18.5).* Os tribunais humanos estão cheios de decisões parciais e injustas. Condenar o inocente e inocentar o culpado é uma atitude indigna para um tribunal, cujo propósito é defender a verdade e estabelecer a justiça. Não é certo dar razão ao culpado, deixando de fazer justiça ao inocente. É um escândalo torcer a lei, subornar testemunhas e comprar sentenças. É um desatino quando um tribunal de justiça se converte num antro de corrupção, em que os inocentes são rifados pela ganância insaciável daqueles que transformam a toga sagrada em vestes de violência. É um pecado abominável para Deus justificar o perverso e condenar o justo. Esse fato pode ser identificado no julgamento de Jesus. No tribunal de Pilatos, os criminosos acusavam e o inocente era acusado. No tribunal de Pilatos, a verdade foi escamoteada, a justiça foi aviltada e o inocente saiu condenado. No tribunal de Pilatos, o juiz iníquo lava as mãos, os acusadores invejosos são tidos como defensores do Estado, e Jesus de Nazaré é açoitado, cuspido e pregado na cruz. Ser parcial com o perverso para favorecê-lo, bem como torcer o direito contra os justos, não é bom. Deus ama a justiça. Ele é o Deus da verdade. Devemos refletir esses valores em nossas palavras, atitudes e julgamentos.

Língua descontrolada, açoites na certa — *Os lábios do insensato entram em contenda, e por açoites brada a sua boca (Pv 18.6).* Um indivíduo que não tem domínio sobre sua língua também não tem controle sobre suas atitudes. Quem não domina a língua não domina o corpo. O insensato vive entrando em confusão e criando contendas. Aonde chega, promove intrigas. É causador de verdadeiras guerras dentro do lar, no trabalho e até na igreja. Quando o tolo abre a boca, fere não apenas quem está à sua volta, mas também atrai confusão para si mesmo. Quando o insensato abre a boca para brigar com alguém, o que está pedindo é uma surra. As palavras do tolo são como açoites que afligem seus lombos. Uma pessoa descontrolada emocionalmente, que fala sem refletir, acaba por agredir as pessoas, quebrar relacionamentos e promover inimizades. Uma língua sem freios atrai castigo. Uma pessoa desbocada é como um barril de pólvora: provoca explosões e destruição à sua volta. À Bíblia cita Doegue, o fofoqueiro. Por ter a língua solta, esse homem induziu o rei Saul a cometer uma chacina na cidade de Nobe. Inocentes foram mortos, famílias foram trucidadas e um banho de sangue foi derramado por causa do veneno destilado pela boca desse insensato. Mas Doegue não saiu ileso dessa deplorável história. O rei Saul o forçou a matar os próprios homens que ele acusara. Doegue foi chicoteado pela própria língua, pois, além do fofoqueiro, ele se tornou também assassino.

Língua insensata, uma cova profunda — *À boca do insensato é a sua própria destruição, e os seus lábios, um laço para a sua alma (Pv 18.7).* Uma pessoa sem juízo acaba se tornando vítima de suas próprias palavras. A língua do tolo é uma armadilha para seus próprios pés. Acaba caindo na cova profunda que cavou com a própria língua. À conversa do tolo é a sua desgraça, e seus lábios são um laço mortal para a sua própria alma. Quando um tolo fala, ele causa sua própria ruína, pois acaba caindo na armadilha das suas próprias palavras. Foi isso que aconteceu com Eva no jardim do Éden. Ela entrou num diálogo perigoso com a serpente. Torceu a palavra de Deus, diminuindo suas promessas e aumentando seu rigor. Sua insensatez abriu uma larga avenida para Satanás prosseguir em seu intento de levá-la à transgressão. Eva caiu na armadilha. Comeu do fruto proibido e ainda o deu a seu marido. Ambos perderam a inocência, a comunhão com Deus e a paz. Experimentaram vergonha e dor. Toda a raça humana foi atingida por essa queda. Aquilo que parecia tão inofensivo tornou-se o maior problema da raça humana. Eva tropeçou nas palavras e arruinou a si mesma e as gerações pósteras.

Petiscos deliciosos, mas perigosos — *Às palavras do maldizente são doces bocados que descem para o mais interior do ventre (Pv 18.8).* O ser humano tem uma atração quase irresistível por comentários maliciosos. Boas notícias não vendem jornais. Os noticiários que comentam algum escândalo ou trazem à tona alguma notícia comprometedor de uma pessoa pública geram enorme interesse na população. Os mexericos parecem deliciosos ao nosso paladar. Como gostamos de saboreá-los! As palavras do caluniador são como petiscos deliciosos; descem até o íntimo do homem. Há pessoas que se deliciam em ouvir notícias más. Sentem um imenso prazer em saber do fracasso dos outros. Olham a queda do próximo como uma espécie de compensação. Comparam-se com aqueles que tropeçam e sentem-se muito bem por não estarem naquela situação de desgraça. Esses aperitivos podem ser doces ao paladar. Podem descer até o mais interior do ventre, mas não são nutritivos. Fazem muito mal à saúde física, mental e espiritual. Saborear a desgraça alheia é um estado de profunda degradação espiritual. É o degrau mais baixo do aviltamento humano. É um sinal de decadência dos valores morais, um atestado de insensatez e uma prova inegável de entorpecimento espiritual.

Faça um trabalho com excelência — *Quem é negligente na sua obra já é irmão do desperdiçador (Pv 18.9).* Duas verdades depreendem-se do texto em apreço. À primeira é que uma pessoa relaxada no que faz não alcança sucesso em seu trabalho. Será sempre medíocre. Ficar sempre abaixo da média. O trabalhador

preguiçoso jamais será perito no que faz. Nunca deslanchará na vida nem será perito em seu trabalho. Por ser acomodado, passará a vida na mesmice, sem sair do lugar. O negligente não se empenha, não trabalha até a exaustão, não se esmera no que faz. Prefere o comodismo, o descanso e o desleixo. Por não ter semeado em sua obra, sua única colheita é a pobreza. Porém, o perito no que faz assenta-se entre príncipes. A segunda verdade é que uma pessoa negligente na sua obra é um desperdiçador incorrigível. Desperdiça seus talentos, seu tempo e suas oportunidades. Desperdiça o investimento que os outros fazem em sua vida e os poucos recursos que chegam às suas mãos. O preguiçoso é um perdulário. Joga fora o bem mais precioso, que é o tempo e as oportunidades. O negligente é um indivíduo ingrato, pois enterra seus talentos e arranja desculpas infundadas para não se esmerar no que faz. A sabedoria nos leva a fazer nosso trabalho com excelência.

Um refúgio verdadeiro — *Torre forte é o nome do Senhor, à qual o justo se acolhe e está seguro (Pv 18.10).* Há muitos refúgios que não podem proteger-nos na hora da tempestade. Muitos pensam que o dinheiro é um abrigo invulnerável no dia da calamidade. Mas isso é um completo engano. O dinheiro pode nos dar um carro blindado e escoltas, uma casa espaçosa e muito conforto, viagens extravagantes e cardápios saborosos, mas não pode nos dar paz. O dinheiro não oferece segurança nem felicidade. Outros pensam que o poder político é um refúgio verdadeiro. Mas prestígio diante das pessoas não nos garante proteção diante dos reveses da vida. Há aqueles que julgam que a força da juventude ou a beleza física representa um escudo suficientemente forte para livrá-los dos esbarros da caminhada. Muitos chegam ainda a pensar que o sucesso e o estrelato são abrigos suficientemente fortes para guardá-los dos vendavais da vida. Mas a verdade é que somente o nome do Senhor é torre forte. Somente no Senhor podemos estar seguros. Porém, somente os justos, aqueles que reconhecem seus pecados e buscam o perdão divino procuram esse abrigo em nome do Senhor. Aqueles que confiam em si mesmos jamais correrão para essa torre forte. Por isso, quando chegar a tempestade, esses serão atingidos por uma irremediável calamidade. Faça do Senhor o seu alto refúgio, o verdadeiro refúgio!

Um refúgio falso — *Os bens do rico lhe são cidade forte e, segundo imagina, uma alta muralha (Pv 18.11).* Um dos maiores mitos da vida é que o dinheiro pode oferecer segurança ao ser humano. O rico pensa que a sua riqueza o protege como as muralhas altas e fortes em volta de uma cidade. O rico imagina que seus bens são como um muro alto que é impossível escalar. Pensa que o mal ficará sempre do lado de fora desses muros inexpugnáveis. Acredita que, se vestir uma couraça de bronze, os perigos naturais da vida não o alcançarão. Completo engano. O dinheiro não é uma torre forte. O dinheiro não é um muro seguro. O dinheiro não torna seu possuidor inexpugnável diante das tempestades da existência. Jesus fala a respeito de um homem que confiou nos seus bens, dizendo para a própria alma: Tens em depósito muitos bens para muitos anos; descansa, come, bebe e regala-te. Mas Deus lhe disse: Louco, esta noite te pedirão a tua alma; e o que tens preparado, para quem será? (Lc 12.19,20). À riqueza de uma pessoa não consegue manter a morte do lado de fora do muro. À morte chega para todos, ricos e pobres, jovens e velhos, doutores e analfabetos. Não trouxemos nada para o mundo e nada dele levaremos. Quando John Rockefeller, o primeiro bilionário do mundo morreu, perguntaram a seu contador no cemitério: “Quanto John Rockefeller deixou?” Ele respondeu: “Ele deixou tudo, não levou nenhum centavo”.

Humildade, o caminho da honra — *Antes da ruína, gaba-se o coração do homem, e diante da honra vai a humildade (Pv 18.12).* A soberba é a sala de espera da queda, mas a humildade é o portão de entrada da honra. Quanto mais alto uma pessoa coloca o seu ninho, mais desastrosa será a sua queda. Quanto mais envaidecer seu coração, mais amarga será sua derrota. Deus não tolera o soberbo. Ele resiste aos orgulhosos. Deus lançou do

céu o querubim de luz porque o orgulho entrou em seu coração quando ele quis ser semelhante ao Altíssimo. Deus arrancou Nabucodonosor do trono e O lançou no campo, para pastar com os animais, porque este se ensoberbeceu. O anjo de Deus fulminou o rei Herodes porque, ao ser exaltado pelos homens como um ser divino, ele não deu glória a Deus. O orgulho é um terreno escorregadio, uma estrada cujo destino é o fracasso irremediável. A humildade, porém, vai adiante da honra. A pessoa humilde é respeitada. Deus dá graça aos humildes. Deus levanta o pobre do monturo e o faz assentar-se entre príncipes. Deus exalta aqueles que se humilham. João Batista disse acerca de Jesus: Convém que ele cresça e que eu diminua (Jo 3.30). Esse precursor do Messias considerou-se indigno de desatar as correias das sandálias de Jesus, mas Jesus o exaltou dizendo que, entre os nascidos de mulher, ninguém era maior do que ele. Permanece a verdade imperturbável de que a humildade é o caminho da honra.

Escute para depois responder — *Responder antes de ouvir é estultícia e vergonha (Pv 18.13).* A Palavra de Deus nos ensina a sermos prontos para ouvir e tardios para falar. Falar muito e ouvir pouco é um sinal de tolice. Responder antes de ouvir então é passar vexame na certa. Não podemos falar sobre aquilo que não entendemos. Não podemos responder sem nem mesmo ouvir a pergunta. Uma pessoa sábia pensa antes de abrir a boca e avalia as palavras antes de proferi-las. Uma pessoa sensata ruma a questão antes de dar uma resposta. Ela avalia e pesa cada palavra antes de enunciá-la. O apóstolo Pedro, antes de sua restauração, não seguiu esse padrão. Era um homem de sangue quente. Falava sem pensar e, muitas vezes, sem entender o que estava falando. Por ter uma necessidade quase irresistível de falar sempre, tropeçava nas próprias palavras e envolvia-se em grandes encrencas. Na casa do sumo sacerdote, afirmou três vezes que não conhecia Jesus, e isso depois de declarar que estava pronto a ser preso com ele e até mesmo a morrer por ele. Pedro fazia afirmações intempestivas e dava respostas sem nenhum sentido. Era um homem contraditório que num momento fazia declarações audaciosas para em seguida recuar e demonstrar vergonhosa covardia. Falar tendo por base o vazio da cabeça e na plenitude da emoção pode ser um enorme perigo. O caminho da sabedoria é ouvir mais para falar menos, é pensar mais para discutir menos, é abrir mais os ouvidos para abrir menos a boca.

Na doença, tenha esperança — *O espírito firme sustém o homem na sua doença, mas o espírito abatido, quem o pode suportar? (Pv 18.14).* Nossa atitude diante dos dramas da vida tem uma conexão muito estreita com nossa saúde física. À vontade de viver mantém a vida de um doente, mas, se ele desanima, não existe mais esperança. Quem entrega os pontos e joga a toalha, quem perde a esperança e não luta mais para sobreviver, é vencido pela enfermidade. Nossas emoções têm um peso decisivo quando se trata de enfrentar a doença. Não basta usar os recursos medicamentosos. Precisamos alimentar nossa alma com o tônico da esperança. Precisamos tirar os nossos olhos das circunstâncias e colocá-los naquele que está no controle das circunstâncias. Nossos pés podem estar no vale, mas nosso coração deve estar no plano. Mesmo passando por vales áridos, Deus pode transformá-los em mananciais. O choro pode durar uma noite, mas a alegria vem pela manhã. Aqueles que se entregam ao desânimo, porém, fazem do lamento a sinfonia da vida. Perdem as forças, atrofiam-se emocionalmente e são dominados por sentimento irremediável de fracasso. Na doença, precisamos colocar nossos olhos em Deus, pois a última palavra não é da ciência, mas daquele que nos criou, nos sustenta e pode intervir em nossa vida, redimindo-nos da cova da morte.

A busca da sabedoria — *O coração do sábio adquire o conhecimento, e o ouvido dos sábios procura o saber (Pv 18.15).* O conhecimento é a busca incansável do sábio. Os tolos buscam prazeres, sucesso e conforto, mas, ainda que alcancem o objeto de seu desejo, não se satisfazem. Quando o rei Salomão pediu a Deus sabedoria, recebeu no pacote riquezas e glórias. Quando, entretanto, buscou a felicidade na bebida, na riqueza, no sexo e

na fama, colheu apenas vaidade. As coisas mais atrativas do mundo não passam de bolhas de sabão. Têm beleza, mas não conteúdo. São multicoloridas, mas vazias. Atraem os olhos, mas não satisfazem a alma. À pessoa tola abre seu coração para o que é frívolo, mas a pessoa sábia não desperdiça seu tempo buscando coisas fúteis. O indivíduo sábio está sempre disposto e pronto a aprender. Seu coração busca o conhecimento mais do que o ouro depurado. Seus ouvidos aspiram à sabedoria mais do que à música mais encantadora. O conhecimento é a base da sabedoria. Sem conhecimento, seremos massa de manobra nas mãos dos aproveitadores. Mas a sabedoria é mais do que o conhecimento. A sabedoria é a aplicação correta do conhecimento. Não basta ao ser humano a informação; ele necessita de transformação. Não basta saber; é preciso saber o que convém e viver de acordo com esse conhecimento. A sabedoria é olhar para a vida com os olhos de Deus. É imitar Deus. É andar nas pegadas de Jesus. É viver como Jesus viveu.

A generosidade abre portas — *O presente que o homem faz alarga-lhe o caminho e leva-o perante os grandes (Pv 18.16).* Um coração generoso é o nosso melhor cartão de visitas. O amor traduzido em atitudes abre portas para novos relacionamentos. Você quer falar com alguém importante? Leve-lhe um presente, e será fácil! Um simples gesto de bondade pavimenta o caminho para novas amizades. Ninguém perde por ser gentil. O coração aberto é revelado por mãos abertas, e as mãos abertas são generosas para presentear. Às vezes, ficamos constrangidos de presentear uma pessoa que já tem tudo do bom e do melhor. Porém, não se trata do que estamos oferecendo, mas de como estamos oferecendo. Não é o valor monetário do presente, mas seu significado que importa. É o gesto de amor que conta. É a demonstração de carinho que entenece. Ninguém é tão rico que não possa receber um presente, e ninguém é tão pobre que não possa dá-lo. À generosidade consegue entrar em palácios. A generosidade nos coloca em companhia dos príncipes. Quando temos amor no coração e um presente nas mãos, alargamos o caminho para novos contatos, e esse gesto nos leva à presença dos grandes. À generosidade é uma chave que abre o cofre dos mais difíceis relacionamentos e pavimenta o caminho para as mais profundas amizades.

Cuidado com suas motivações — *O que começa o pleito parece justo, até que vem o outro e o examina (Pv 18.17).* Às coisas nem sempre são o que aparentam ser; elas são o que são em sua essência. Não somos o que somos no palco; somos o que somos na intimidade. Muitas vezes, as pessoas admiram não quem somos, mas quem aparentamos ser. Não gostam de nós, mas da máscara que usamos. Não respeitam nosso caráter, mas nosso desempenho. Amam nossas palavras, mas não nossos sentimentos. Salomão está nos dizendo que as pessoas podem nos julgar justos quando iniciamos um pleito. Nossas palavras são eloquentes, nossa defesa é irretocável, nossos direitos são soberanos. Porém, quando alguém se aproxima, levanta a ponta do véu e revela o que escondemos sob as camadas de nossas motivações mais secretas, descobre que há um descompasso entre nosso pleito e nossos interesses pessoais. Há um abismo entre o que falamos e o que somos. Há um hiato entre o que professamos e o que praticamos. Há inconsistência em nossas palavras. Há uma deformação em nosso caráter. Uma cunha separa nossas intenções mais secretas do nosso pleito. Não basta parecer justo em público; é preciso ser justo em secreto. Não basta parecer justo no tribunal humano; é preciso ser justo no tribunal de Deus. Não basta parecer justo aos olhos das pessoas; é preciso ser justo aos olhos de Deus.

A decisão sábia vem de Deus — *Pelo lançar da sorte cessam os pleitos, e se decide a causa entre os poderosos (Pv 18.18).* Há muitas batalhas jurídicas entre os poderosos em andamento nos tribunais. Os pleitos são defendidos com vigor e fortes arrazoados. Advogados ilustres, com argumentos arrasadores, defendem o pleito de seus clientes com eloquência irreparável. Esses pleitos, porém, se arrastam por longos anos, em virtude da

complexidade da causa e da burocracia da justiça. À queda de braço entre os poderosos parece não ter fim. A pugna parece interminável. Os pleitos não chegam a um fim desejável. Sempre que uma sentença é dada, recorre-se a um tribunal imediatamente superior e, assim, essa pendenga jurídica cruza anos e anos sem um veredito final. Nos tempos antigos, especialmente entre o povo de Deus, essas questões eram resolvidas pelo lançar da sorte. O Deus que sonda os corações era consultado quando uma decisão difícil estava prestes a ser tomada. Então, Deus respondia e trazia uma solução clara, justa, e só assim cessavam os pleitos. Quando Judas Iscariotes, traíndo o seu Senhor, enforcou-se, um substituto era necessário para ocupar o seu lugar. À igreja reunida no Cenáculo, em Jerusalém, buscou Deus em oração, lançaram-se sortes, e Matias foi escolhido para ocupar o lugar vago. Hoje, não usamos mais esse expediente, porém o princípio de buscar Deus e agir segundo a sua vontade ainda deve reger nossas decisões.

Não ofenda a seu irmão — *O irmão ofendido resiste mais do que uma fortaleza; suas contendas são ferrolhos dum castelo (Pv 18.19)*. Não é uma atitude sensata ferir uma pessoa, pois alguém ofendido em sua honra torna-se uma fortaleza inexpugnável. Suas contendas são mais fortes do que os ferrolhos dum castelo. Quando Tito Vespasiano invadiu Jerusalém no ano 70 d.C. e a devastou, cerca de 3 mil judeus fugiram e se refugiaram na fortaleza de Massada, nas proximidades do mar Morto. Depois de verem seu povo ser massacrado e seu templo ser incendiado, esses judeus tornaram-se verdadeiros gigantes para se defender no alto da fortaleza construída por Herodes, o Grande. Quando os romanos tentavam se aproximar, eles jogavam pedras lá de cima. Estavam feridos em seu orgulho e em sua honra e, como se fossem um só homem, lutaram bravamente até o dia em que, sem esperança de salvamento, resolveram que um suicídio coletivo seria melhor do que cair nas mãos dos romanos para ser desonrados e mortos à espada. Não podemos ferir as pessoas. Não podemos agredi-las com palavras e atitudes. Não temos o direito de humilhá-las. Todo ser humano deve ser respeitado. Devemos tratar todos com dignidade e amor. Pois uma pessoa ferida resiste como uma fortaleza, e suas contendas são tão robustas como os ferrolhos de um palácio.

O coração se alimenta da boca — *Do fruto da boca o coração se farta, do que produzem os lábios se satisfaz (Pv 18.20)*. Há uma estreita relação entre o coração e a boca. A boca fala o que procede do coração, e o coração se alimenta do que a boca fala. O coração é a fonte, e a boca são os rios que fluem dessa fonte. Sendo o veículo do coração, a boca também é o celeiro que o alimenta com o melhor das iguarias. Quando a boca fala palavras sábias, bondosas e edificantes, o coração se satisfaz com o que produzem os lábios. Palavras verdadeiras, oportunas e cheias de graça sempre alegrarão o coração. Essas palavras abençoam não apenas quem as ouve, mas também quem as profere. Essas palavras alimentam o coração não apenas dos ouvintes, mas também o coração daqueles que as proclamam. Como é bom ser portador de boas-novas! Como é bom ser instrumento de Deus para consolar os tristes! Como é bom abrir a boca para falar a verdade em amor e encorajar as pessoas diante dos dramas da vida! Quando semeamos na vida dos outros, nós mesmos colhemos os frutos dessa semente. Quando plantamos boas sementes na lavoura do nosso próximo, vemos essas mesmas sementes florescendo e frutificando em nosso próprio campo. As bênçãos que distribuimos para os outros caem sobre a nossa própria cabeça.

O poder da comunicação — *À morte e a vida estão no poder da língua; o que bem a utiliza come do seu fruto (Pv 18.21)*. Nós podemos dar vida ou matar um relacionamento, dependendo da maneira como nos comunicamos. A vida do relacionamento conjugal, bem como de todos os outros relacionamentos interpessoais, depende de como lidamos com a comunicação. À comunicação é o oxigênio dos relacionamentos. Certa feita, um jovem espertalhão quis colocar numa enrascada um sábio ancião que vivia em sua vila. O velho sempre tinha respostas sábias para

todos os dilemas que lhe eram apresentados. O jovem, então, disse para si mesmo: “Vou levar um pássaro bem pequeno nas minhas mãos e perguntar ao velho se o pássaro está vivo ou morto. Se ele disser que o pássaro está morto, eu abro a mão e deixo o pássaro voar. Se falar que está vivo, eu aperto as mãos, esmago o pássaro e o apresento morto. De qualquer forma, esse velho estará encrencado comigo”. Ao se aproximar do ancião, o jovem o desafiou nestes termos: “O senhor é muito sábio e sempre tem respostas certas para todos os dilemas. Então, responda: O pássaro que está dentro das minhas mãos, está vivo ou morto?” O velho olhou para ele e disse: “Jovem, o pássaro está vivo ou morto; só depende de você”. À comunicação dentro da sua casa, no seu casamento, no seu trabalho, na sua escola, na sua igreja só depende de você, pois a morte e a vida estão no poder da língua.

Esposa, um maravilhoso presente - *O que acha uma esposa acha o bem e alcançou a benevolência do Senhor (Pv 18.22)*. O casamento é uma fonte de felicidade ou a razão dos maiores infortúnios. Pavimenta o caminho do bem ou promove grandes males. O casamento foi instituído por Deus para a felicidade do homem e da mulher, mas podemos transformar esse projeto de felicidade num terrível pesadelo. Muitas pessoas não buscam a direção divina para seu casamento. Casam-se sem reflexão, movidas apenas por uma paixão crepitante ou por interesses egoístas. Precisamos pedir a Deus por nosso cônjuge. Essa procura deve estar regada de oração. Devemos observar os princípios estabelecidos pelo próprio Deus nessa busca. Como Isaque, devemos também buscar a direção de Deus para encontrarmos a pessoa que ele reservou para nós. A Bíblia diz que a casa e os bens vêm como herança dos pais, mas do Senhor vem a esposa prudente. Encontrar essa pessoa é uma grande felicidade. É tomar posse da própria bênção do Senhor. Uma esposa prudente vale mais do que muitas riquezas. Seu valor excede o de finas joias. Um casamento feliz é melhor do que granjear fortunas. O que adianta ter muito dinheiro e morar com uma mulher rixosa? O que adianta ter a casa cheia de bens, mas viver em permanente conflito e tensão dentro de casa? O casamento feito na presença de Deus e o lar edificado por Deus são expressões eloquentes da benevolência de Deus.

A delicadeza no trato — *O pobre fala com súplicas, porém o rico responde com durezas (Pv 18.23)*. À comunicação é a sabedoria instrui sobre as virtudes morais e seus opostos radiografia da alma. Quem não fala com doçura expõe suas entranhas amargas. Quem é duro no trato demonstra ter um coração maligno. À Bíblia fala sobre Nabal, marido de Abigail e filho de Belial. Dominado por espíritos malignos, Nabal era um homem rico, mas intratável. Ninguém podia falar com ele. Suas palavras feriam mais do que ponta de espada. Suas atitudes revelavam um coração ingrato, e suas palavras duras demonstravam um espírito perturbado. Esse homem cavou a própria sepultura. Semeou ventos e colheu tempestade. Por ter tratado com desdém Davi e seus valentes, foi sentenciado à morte. Sua morte só não aconteceu porque Abigail, sua mulher, defendeu sua causa com senso de urgência. A Bíblia diz que o pobre pede licença para falar, mas o rico responde com grosseria. O pobre fala com súplicas, mas o rico responde com dureza. O rico, por causa de seus bens, fala com dureza e age com prepotência. Julga-se melhor do que os outros; tripudia sobre os demais e usa o poder do seu dinheiro para humilhar aqueles que vêm à sua presença. Essa é uma atitude insensata. A delicadeza no trato é um dever de todas as pessoas. Pobres e ricos podem ser benignos no trato e usar a língua paraabençoar os outros, em vez de feri-los.

O valor do amigo verdadeiro - *O homem que tem muitos amigos sai perdendo; mas há amigo mais chegado do que um irmão (Pv 18.24)*. O renomado cantor brasileiro Milton Nascimento diz que amigo é coisa para se guardar no coração. Há muitas pessoas que nos cercam na hora da alegria, mas poucas estão do nosso lado na hora da crise. O amigo verdadeiro é aquele

que chega quando todos já foram embora. O amigo ama em todo o tempo, e na desventura se conhece o irmão. À Bíblia fala sobre o filho pródigo, que saiu para esbanjar sua herança num país distante. Lá, ele dissipou todos os seus bens vivendo dissolutamente, cercado de amigos. Mas, quando a crise chegou, esses amigos de farra se dispersaram. Os amigos da mesa de jogo, os amigos de boteco e os amigos das baladas apenas se servem de você, mas nunca estarão prontos para servi-lo. Os amigos utilitários só se aproximam de você buscando alguma vantagem. Eles não amam você, mas o que você tem e o que lhes pode dar. Algumas amizades não duram nada, são meramente interesseiras; mas o amigo verdadeiro é mais chegado do que um irmão. Está sempre ao seu lado, especialmente nos tempos de desventura. Jesus é o nosso verdadeiro amigo. Sendo rico, ele se fez pobre para nos tornar ricos. Sendo Deus, ele se fez homem para nos salvar. Sendo bendito, ele se fez maldição para nos tornar benditos aos olhos do Pai.